

Além da Aparência: a busca da identidade em “Feliz Aniversário”, de Clarice Lispector¹

Maraline Aparecida Soares²

Resumo: Esta pesquisa está embasada no conto “Feliz Aniversário”, escrito por Clarice Lispector, extraído do livro **Laços de Família** (1998), meu objetivo é abordar os conceitos presentes na fala pronunciada por José, filho de Dona Anita, a aniversariante. A abordagem é feita com base nos teóricos Bachelard, especificamente quanto às imagens presentes no conto; Bakhtin, na relação do “eu” e do “outrem”; Stuart Hall, relacionando com o descentramento, pensando na busca de identidade, procurando compreender qual era a intenção de José e se havia uma intenção.

Palavras chave: Interesse, Aparência, Persuasão.

Abstract: This research is based on the short story "FelizAniversário" written by Clarice Lispector, excerpted from the book *Laços de família* (1998). My purpose is to address the concepts present in the speech pronounced by José, son of Dona Anita, in her birthday. The approach is done based on theoreticians such as Bachelard, specifically in regard to the images present in the story; Bakhtin, in respect to the notions of the "I" and the "others"; Stuart Hall, relating to the decentralization, thinking about the search for identity, trying to understand what was the intention of José and if there was an intention.

Keywords: Interest, Appearance, Persuasion.

¹ Artigo apresentado na disciplina de Teoria Literária II, sob a orientação da Profª Drª Madalena Machado.

² Maraline Apª. Soares (maralinesoares@hotmail.com), graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Letras na Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, do Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT.

O conto “Feliz Aniversário” escrito por Clarice Lispector no livro *Laços de Família* (1998) é uma narrativa contemporânea. Este conto retrata um fato cotidiano: uma ocasião familiar, que é a comemoração do aniversário de oitenta e nove anos de Anita, a matriarca de uma grande família, em que, os convidados são apenas os mais íntimos. Todo o enredo se passa em apenas um dia, no qual tudo acontece na casa da aniversariante, cada personagem ali representa o humano com seus pensamentos e atitudes, mostrando os vários posicionamentos dentro da existência.

A narrativa apresenta questões relativas à vida humana, apresentadas através da complexidade presente em cada personagem, tal observação pode ser compreendida pela forma em que cada personagem se apresenta. Zilda, a filha que mora com a aniversariante cuida de toda a organização da festa sem a contribuição dos irmãos e, até mesmo, das cunhadas no momento dos últimos preparativos; a nora que veio de Olaria trouxe apenas seus três filhos, pois seu marido “não queria ver os irmãos”, ela estava muito bem vestida porque seria “um passeio a Copacabana”, a nora que veio de Ipanema não se relacionava bem com a que viera de Olaria, então ficaram distante uma da outra. Elas não se preocuparam em nenhum momento em ajudar Zilda nos preparativos; Cordélia, a nora mais moça, parecia não estar percebendo a situação, apenas sorria.

A aniversariante estava sentada na cabeceira da mesa posta na sala, esse lugar em que estava sentada lhe possibilitava observar com um olhar perspicaz todos que estavam ali. Desde as conversas até os gestos de maneira bem ampla, retratam o social, com isso Dona Anita refletia o que cada um era de fato; por meio das ações e das falas daquelas pessoas, logo ela entendeu que alguns deles agiam por aparência e nada mais. Assim, o que mais me chamou atenção no conto, foi a fala duas vezes repetida por José:

—Não senhor! Respondeu José com falsa severidade, hoje não se fala em negócios!

—Está certo, está certo! Recuou Manoel depressa, olhando rapidamente para sua mulher que de longe estendia um ouvido atento.

—Nada de negócios, gritou José, hoje é o dia da mãe! (LISPECTOR, 1998, p.54).

Há duas possibilidades de sentido presentes nesse contexto, a primeira e mais evidente é a ideia de que não iam falar de trabalho, uma vez que José e Manoel eram sócios e iriam aproveitar o aniversário da mãe, pois era uma data especial. Outra a ser pensada, seria se José estava usando aquelas frases para não deixar explícito seu interesse pelos bens que a mãe

possuía. Com base nessa ideia pretendemos pensar em: até que ponto a fala de José personifica um ato de reverência ao aniversário da mãe ou se essa utilização das frases remete a um interesse pela herança?

Partindo desse ponto de vista nos concentremos no ser falante que é José. Ao fazer uso dessas palavras ele tinha como objetivo se apresentar como uma pessoa bela, preocupando apenas com sua imagem exterior, com o interesse de não expor o seu interior, sendo que suas intenções verdadeiras naquele momento não seriam agradáveis aos ouvidos de sua mãe. Ele constrói essas frases intencionalmente como recurso de engano, na intenção de convencer a mãe de que ele estava feliz por mais um ano de vida e que pretende comemorar e aproveitar aquele momento especial sem lembrar-se de negócios. Neste sentido, tomemos emprestado as palavras de Bachelard (2000, p. 342) quando ensina que:

Então, na superfície do ser, nessa região onde o ser quer manifestar-se e quer esconder-se, os movimentos de fechamento e abertura são tão numerosos, tão frequentemente invertidos, tão carregados também de hesitação, que poderíamos concluir por esta fórmula: o homem é o ser entreaberto.

Assim, como explica Bachelard, José nesse contexto quer manifestar e esconder-se, pensamos que o desejo e a ambição estão para se manifestar, e ao mesmo tempo ele não pode deixar isso aparecer e então precisa escondê-lo, daí a frase “— Nada de negócios, gritou José, hoje é o dia da mãe!” É a maneira que ele encontra para esconder aquilo que na verdade queria mesmo era manifestar, com isso entendemos que o homem é “o ser entreaberto”. Para sua mãe, José tentou se apresentar como uma pessoa com um belo interior usando de um mecanismo exterior. Dessa forma, o interior e o exterior não comungavam o mesmo interesse, isto é visto por Bachelard (2000, p. 219) da seguinte maneira:

Tornar concreto o interior e vasto o exterior, são parece, as tarefas iniciais, os primeiros problemas de uma antropologia da imaginação. Entre o vasto e o concreto, a oposição não é clara. Ao menor toque, porém, a dissimetria aparece. E é sempre assim; o interior e o exterior não recebem esses qualificativos que são a medida de nossa adesão às coisas. Não se pode viver da mesma maneira os qualificativos vinculados ao interior e ao exterior.

A fala de José é paradoxal e instiga o leitor a fazer uma relação de que a oposição de sentidos existe e que está implícito. Isso também tem ligação com a errância tratada por

Bachelard, de que o homem em si é ambíguo e José da tanta ênfase às coisas materiais que chega almejar a morte de sua própria mãe para saciar seus fúteis interesses.

A vista diz muitas coisas de uma só vez. O ser não se vê. Talvez se escute. O ser não se desenha. Não cercado pelo nada. Nunca estamos certos de encontrá-lo ou de reencontrá-lo sólido ao aproximarmo-nos de um centro de ser. E, se o que queremos determinar é o ser homem, nunca estamos certos de estar mais perto de nós ao recolhermo-nos em nós mesmos, ao caminharmos para o centro da espiral; freqüentemente, é no âmago do ser que o ser é errante. Por vezes, é estando fora de si que o ser experimenta consistências. Por vezes também, ele está, poderíamos dizer encerrado no exterior [...]. (BACHELARD 2000, p.218).

José é um personagem descentrado, ele está à margem buscando se satisfazer de alguma maneira, mesmo que para isso acontecer sua mãe não chegue a completar os noventa anos. Tratando sobre o descentramento do homem, Stuart Hall (2005, p. 9) aponta:

Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos -constitui uma “crise” de identidade para o indivíduo.

Para Dona Anita, ao observar todas aquelas pessoas que estavam ali, ela se indagou, de que como pudera dar á luz, aqueles seres tão diferentes de seu ponto de vista, pessoas ambiciosas, perversas e que se preocupavam apenas com coisas supérfluas, tudo o que faziam e pensavam girava em torno da aparência, o interesse era tamanho que até o amor pela mãe já não existia, o narrador nos mostra isso quando apresenta essa parte no conto:

Mas, piscando, ela olhava os outros, a aniversariante. Oh o desprezo pela vida que falhava. Como?! Como tendo sido tão forte pudera dar á luz aqueles seres opacos, com braços moles e rostos ansiosos? Ela, a forte, que casara em hora e tempo devidos com um bom homem a quem, obediente e independente, ela respeitara; a quem respeitara e que lhe fizera filhos e lhe pagara os partos e lhe honrara os resguardos. O tronco fora bom. Mas dera aqueles azedos e infelizes frutos, sem capacidade sequer para uma boa alegria. Como pudera ela dar à luz aqueles seres risonhos, fracos, sem austeridade? O rancor roncava no seu peito vazio. Uns comunistas, era o que eram; uns comunistas. Olhou-os com sua cólera de velha. Pareciam ratos se acotovelando, a

sua família. Incoercível, virou a cabeça e com força insuspeita cuspiu no chão. (LISPECTOR, 1998, p. 54).

Partindo deste contexto é que podemos distinguir até que ponto José estava usando as frases como reverência ao aniversário da mãe ou como apenas uma falsa imagem. Percebemos que sua mãe está na posição do “eu” discutido por Bakhtin (2002), sobre o “eu” e o “outrem”. A aniversariante se embasa no “outro” que é seu filho José numa perspectiva de compreensão dos personagens que estavam ali presentes. O que se configura numa ação introspectiva, na reflexão, essa ação do pensamento lhe proporcionou ver além da aparência de José que procurou se apresentar diferente do que era realmente e também de todos os outros que estavam ali reunidos.

A relação do “eu” e do “outrem” que Bakhtin (2002) apresenta, também pode ser observada como o “interior” e “exterior” apresentado por Bachelard em que, o “eu” é a reflexão psicológica que ocorre no “interior”, é a essência no pensamento do homem, já o “outrem” é o “exterior”, o físico é a aparência, é o mundo ali dos personagens representando o social. Ambos são muito importantes cada um com o valor, tanto o exterior quanto o interior, pois os dois produzem sentidos. Bachelard (2000, p. 219) destaca essa importância quando aponta que: “como quer que seja, o interior e o exterior vividos pela imaginação não podem mais ser tomados em sua simples reciprocidade [...]”.

Dona Anita enquanto “eu”, de acordo com Bakhtin, consegue assimilar por meio das frases do “outrem” algo mais profundo, e se contrapõe com as frases produzidas por José. Então, há uma presença de duas posições numa só pessoa, em que os pensamentos são diferentes das ações, e a aniversariante vê essa duplicidade que José trazia em si. De acordo com essa ideia, Bakhtin explica que:

O objetivo da assimilação da palavra de outrem adquire um sentido ainda mais profundo e mais importante no processo de formação ideológica do homem, no sentido exato do termo. Aqui, a palavra de outrem se apresenta não mais na qualidade de informações, indicações regras, modelos, etc.,_ ela procura definir as próprias bases de nossa atitude ideológica em relação ao mundo e de nosso comportamento, ela surge aqui como a palavra interiormente persuasiva. (BAKHTIN, 2002, p. 142).

Através da fala é que fica implícito o caráter que o personagem carrega em si, por isso a interioridade é muito importante, essa criticidade é para provocar o leitor, visando a reflexão, observar a pessoa que fala é muito mais “Qualquer conversa é repleta de transmissões e

interpretações das palavras dos outros”. (BAKHTIN, 2002, p.139). Com isso nós nos deslocamos do senso comum pela crítica. A visão ideológica do eu e do outrem que é passada para o leitor é, o “eu” é louvável e o outro reprovável, pelo que o narrador mostra, podemos tecer essas considerações nos firmando em Bakhtin (2002, p. 145), quando afirma:

A palavra ideológica do outro, interiormente persuasiva e reconhecida por nós, nos revela possibilidades de compreensão bastante diferentes. Esta palavra é determinante para o processo da transformação ideológica da consciência individual: [...].

Podemos perceber que o homem traz em si características desses personagens presentes no conto, E a literatura nos condiciona a perceber estas questões, mesmo não estando evidentes para um olhar do senso comum. O personagem José representa esse humano que se mostra numa duplicidade de caráter. Daí a importância da literatura, pois ela pode mostrar ao homem que busca aprofundar seu conhecimento, que o humano pode se mostrar além do que aparenta ser. Isso mostra que o “homem é um ser entreaberto” que Bachelard (2000, p.342) discute na dialética do exterior- interior. Portanto, entendemos que a literatura humaniza e enriquece, elevando e preparando o ser humano.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e Estética*. Tradução reservados por Editora Hucitec. São Paulo: Annablume Editora, 2002.

BACHELARD, Gaston. “A dialética do exterior e do interior”. Trad. Antonio da costa Leal e Lidia do Valle Santos Leal. In: *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro. DP & A, 2006.

LISPECTOR, Clarice. “Feliz Aniversario”. In: *Laços de Família*. Editora Rocco - Rio de Janeiro, 1998.